

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): SOB O PRISMA DE INCLUSÃO ESCOLAR NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Keilah da Cruz Paixão¹
Marcos Antônio Shreder da Silva²

RESUMO

Este trabalho científico visou compreender as características que ocasionam dificuldades educacionais ao aluno com Transtorno do Espectro Autista - TEA e, sob o prisma de inclusão até aos familiares, observou-se quais habilidades tem este aluno que cursa o primeiro ano do ensino fundamental de uma escola regular do município de Porto Velho. Foram destacadas também, estratégias que o professor pode utilizar e que contemple cotidianamente de modo estimulador este aluno, pois, mesmo nesta modernidade este profissional para mediar crianças com essa e outras peculiaridades especiais, deve atualizar-se, porque evidentemente só assim afetará a zona de conforto do aluno autista de forma significativa. Foi preciso então, levantar dados bibliográficos e de campo, por meio da pesquisa qualitativa onde se investigou e chegou à conclusão, que a profissão de educador é mais complexa do que muitos afirmam, pois atua com vidas, e estas com diversos desafios a serem vencidos. O fortalecimento quanto ao êxito da práxis e alcance dos objetivos do aluno com transtorno, reflete, aliás, na necessidade de parcerias, não unicamente de especialistas médicos, como e principalmente da família participando ativa, calorosa e prestativamente e vice-versa quanto à escola. As teorias analisadas de modo crítico-constructivo englobaram e enriqueceram a confrontação com a realidade investigada, pois, compreendeu-se ainda mais os comportamentos e atitudes do aluno em questão, e chegou-se ao consenso que tem muito a oferecer cognitivamente, pois é meigo e carismático ao realizar atividades que lhe interessa e, as atuações da professora e cuidadora, colaboram positivamente no processo de inclusão.

Palavras-chave: Criança. Autismo. Aprendizagem. Professor.

1 INTRODUÇÃO

A presente contextualização foi estabelecida a partir do módulo “Inclusão em Educação” do curso de Mestrado em Ciências da Educação, com a temática “Transtorno do espectro autista (TEA): sob o prisma de inclusão escolar no 1º ano do ensino fundamental”. A certeza é que a pesquisa enaltece ainda mais o conhecimento, e principalmente as práticas com compromisso.

¹Mestranda – Faculdade do Chile: Saint Alcuin Of York Anglican College. / AEBRA (Agência Educacional Brasileira). Especialista em Gestão Educacional e Psicopedagogia Clínica e Institucional. E-mail: paixaokeilah@hotmail.com

²Orientador– Mestre e Doutor pela Universidade Federal de Rondônia. E-mail: shredersilva@hotmail.com

Neste contexto, analisa-se e propõe meios para incluir no segmento educacional o aluno autista e sua família. Para tanto, foi preciso investigar em uma escola pública do município de Porto Velho, um aluno com características do TEA, para na sequência ordenar e analisar as informações coletadas sobre o aluno, aspectos evidenciados assim como suas potencialidades e sugestões para uma educação inclusiva, capaz de atender a este aluno e conseqüentemente a sua família, pois, na atualidade, há promulgações e diretrizes que determinam o atendimento especializado e humano a todos sem distinção.

Sendo assim, se mostra a organização desta pesquisa: no primeiro tópico, se faz breve texto e se destaca as dicotomias sociais e a discriminação que prevalece ainda nos dias atuais. No segundo, retrata de forma sucinta, o progresso nos estudos do autismo. Já no terceiro quesito, o foco é a importância do relacionamento afetivo e cuidados para a ascensão do aluno autista. E o quarto enfoque, viabiliza argumentos referente às teorias e leis de inclusão escolar do aluno com TEA. Na quinta questão pondera-se ainda o fator inclusão escolar do aluno com TEA no ensino fundamental e se realizou o trabalho de uma psicóloga que sugere parâmetros a serem realizados na escola, para não atingir repentinamente às concepções e condicionamento deste aluno. Em seguida, são descritos direcionamentos metodológicos usados para o êxito deste estudo, ocorrendo assim, a apresentação e análise dos resultados. Na sequência, caracterizam-se as considerações finais da autora e esta reporta a complexidade social e relevância e dificuldade do profissional da educação e por fim, a bibliografia, que define os autores e linhas de pesquisa que embasaram as investigações.

2 AUTISMO EM EVIDÊNCIA: CONTRATEMPOS E LUTAS

Em cada período histórico, específico âmbito social e aspectos humanos, distinguem determinados desafios a serem vencidos ou amenizados e, neste século XXI, um dos fatores em alta nesta sociedade ainda discriminatória, excludente e com percalços a serem vencidos, e que se constata, deve ser trabalhado, é o processo de inclusão escolar a fim de interagir com o aluno, conhecê-lo para o máximo de êxito no percurso metodológico do ensino e aprendizado, no intento de promover o avanço do saber e do fazer real desses seres humanos que estão sob sua responsabilidade, e neste parâmetro, investiga-se o autismo como objeto de estudo e o professor e família como parceiros prósperos.

2.1 AUTISMO: CAMINHADA SUCINTA

Estudos mostram que a preocupação em compreender a diversidade de níveis e características autistas vem acontecendo há décadas, e se estende até os dias atuais. E, uma das inevitáveis confirmações deste propósito, aconteceu entre as décadas de 70 e 80, ao surgir um modelo neurocientífico de pesquisas sobre o autismo, deixou nítida às alterações em “neurônios-espelho” e afirma ser em célula cerebral que reage intensa e até emocionalmente quando observada em atividade, conforme investigações e produção científica da Organização Mundial de Saúde - OMS (LIMA, 2007; RAMACHANDRAN e OBERMAN, 2006 apud SURJUS et al., 2015, p. 28).

Essa disfunção era considerada como psicose infantil e, somente na década de 80, deixa de ser incluída no campo psiquiátrico, passou a ser classificada pela OMS, como “Transtorno invasivo do desenvolvimento – TID” (op cit., p. 28).

Outro ponto extraordinário que implica em estudos do autismo é a atração que sentem os pesquisadores. Foram investigadas 11 crianças, onde percebeu-se dicotomias evidentes, como relata o psiquiatra Leo Kanner (1943, apud BELISÁRIO FILHO e CUNHA, 2010, p. 8): “[...] cada caso merece - e espero que venha a receber com o tempo - uma consideração detalhada de suas peculiaridades fascinantes”. Notou-se que as crianças não conseguiam se relacionar com outras crianças, se isolavam, não conseguiam se expressar oralmente, de maneira audível, entre outros perfis. O autismo emanou de formação genética, ou seja, era herdado e mantinham que estes eram frios, não se preocupavam com a interação ou relação social (op cit.). Diziam que os pais apresentavam intelecto elevado e agiam somente pela razão, e em 1911, o psiquiatra suíço Bleuler identificou o autismo como sendo “fuga da realidade”, “[...] perda de contato com a realidade e conseqüente dificuldade ou impossibilidade de comunicação”. Nome que representava na época, esquizofrenia.

Fuentes et al. (2012 apud TAMANAHA, MARTINS et al, 2013, p. 11) esclarece a origem dos TEA e retrata serem vários os fatores. Seja ambiental, contato com substâncias nocivas à saúde, também insuficiência de vitamina D, de ácido fólico, transmissão ao feto de infecções, medicações ingeridas na gravidez e prematuridade - bebe abaixo do peso de 2500 gramas e 35 semanas. E os genéticos que são: parentes consanguíneos em primeiro grau, má formação, pais com idade superior a 40 anos.

Verifica-se o progresso que ocorreu por meio dos estudos sobre o autismo no

decorrer dos anos e, nesta atualidade, estudos demonstram grau comparativo das que envolve modificações qualitativas e quantitativas da linguagem verbal e não verbal, situa “estereotípias, padrões repetitivos e interesses restritos”. Em termos etiológicos, tais alterações somam-se a falha anatômica ou fisiológica do sistema nervoso central (SNC), a fatores inatos estabelecidos no organismo, surgindo o TEA e os sujeitos mais atingidos são os do sexo masculino, isto é, 3 a 5 homens para 1 mulher. (MENEZES, SERRANO et al, 2016, p. 193).

Neste sentido, este relato remete a reflexão sobre o real significado do autismo, e sobre quais os cuidados, a atenção que a sociedade, especialistas e profissionais devem ter para com estes que apresentam tais particularidades, como definem Dawson et al (2010); Howlin et al (2009), Reichow (2012, apud TAMANAHA, MARTINS et al, 2013, p. 18) quando afirmam ser imprescindível o quanto antes, o reconhecimento do Transtorno do Espectro Autista (TEA), e reforça: “[...] o tratamento for iniciado, melhores são os resultados em termos de desenvolvimento cognitivo, linguagem e habilidades sociais”.

Tamanaha, Martins et al (2013, p. 192) exploraram enfim, “os transtornos invasivos ou globais do desenvolvimento (TGD)” onde definem como sendo “categoria ampla de condições”, e separam este distúrbio em dois grupos, onde o primeiro questiona TEA, e esclarecem o autismo infantil de Kanner, o autismo atípico, e outras síndromes associadas, como a de Asperger e desordem mental com aumento das atividades motoras e repetitivos, juntamente com retardo mental. O segundo grupo, destaca outras síndromes, como a síndrome de Rett e outros distúrbios ou transtornos desintegrativos da infância, envolvendo “psicoses e simbióticas esquizofreniformes”, e síndrome de Heller. Destacam que há características, mas, que não fazem parte ou não se encaixam em nenhum dos grupos citados, chamados “não especificados”, porque podem ter surgido devido alguma disfunção orgânica explicam.

Estudos recentes (BRAGA e MUOTRI, 2017 apud FREIRE, 2018) foram realizados, por uma equipe comandada pela neurocientista brasileira Patrícia Beltrão Braga, da USP, e o neurocientista Alysson R. Muotri, da Universidade da Califórnia em San Diego, nos Estados Unidos e, verificaram se haviam consequências devida inflamação no dente de leite no TEA. Enfocam que este transtorno é uma descrição e não uma explicação, pois ainda não chegaram ao consenso das reais peculiaridades deste transtorno, já que, em alguns seres humanos, se constata reações diferenciadas. Esta descrição é dimensional também, pois sempre se deve estabelecer o grau do problema, em um espectro que vai desde o muito discreto e leve, até

condições muito intensas e graves.

Neurônios gerados a partir de células do dente desses meninos eram mais imaturos e menos complexos. Tinham menos ramificações e faziam menos conexões com outros neurônios do que os obtidos do dente de crianças sem autismo. Eles também eram menos ativos (emitiam menos impulsos elétricos) do que os dos garotos do grupo de controle. “Alterações na forma e no funcionamento dos neurônios podem prejudicar o desenvolvimento e a atividade dos circuitos cerebrais”, lembra Fabiele.

Sobretudo, a referida pesquisa foi feita, a fim de superar os sintomas nos seres humanos, sejam crianças ou adultos autistas. No entanto, o experimento foi realizado com parte orgânica de crianças, como se constata:

Assim, Braga e Muotri (2017, apud FREIRE, 2018), chegaram à conclusão que os astrócitos alteram e influenciam tanto na estrutura, quanto no funcionamento dos neurônios (revista *Biological Psychiatry*). As evidências vieram após observações dos astrócitos com formatos de estrela. Os pesquisadores chegaram ao consenso que as células inflamadas fazem muito mais do que simplesmente completar os espaços entre os neurônios, e sim, que estas células conduzem e limitam a formação de ramos que complementam os neurônios, controlam a concentração de nutrientes e elementos, como por exemplo, “[...] os neurotransmissores, que são os responsáveis pela comunicação química entre as células cerebrais”.

Na sequência, estão especificadas características e alguns sintomas importantes para análise e compreensão do TEA porque é nos primeiros anos ou meses de vida, que este transtorno surge.

Verificou-se em diversos trabalhos científicos, a preocupação em compreender não somente o processo histórico dos considerados por alguns, como sendo transtornos mentais e para outros como orgânicos. Costa (2005, apud GOMES, 2011, p. 4) afirma que, para o neurologista esse transtorno é orgânico, enquanto para psiquiatras, é mental. Independente quais sejam as causas, constata-se que estas englobam de certa forma, todas as estruturas corpóreas do ser, que influenciam no avanço psicológico, motor, oral e muitos outros. Portanto, entender remete a contribuir com o ser que possui esse transtorno. Freire (1995) emana a importância no ato de buscar.

2.1.1 AUTISMO E A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO AFETIVO

É fato a influência da afetividade ou o respeito, ser de extrema relevância ao bem-estar de qualquer ser vivo. Nesta visão, Wallon (2008), busca elucidar fatos a partir do

estímulo psicológico e da interação. Reforça ser desumano fragmentar uma pessoa, pois em cada fase da vida, integra elementos e sentimentos indissociáveis e inatos e que não se pode ao contemplá-la, deixar de lado sua essência e formação plena. Com o passar dos anos, modifica sua estrutura, mas, (op cit., 2007, p. 198) relata “[...] é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade”. Sendo assim, cabe a cada um, ter olhar humanístico, de respeito e consideração, devido, estes precisarem de apoio e incentivo para uma formação holística, como afirmam Behrens (2006), Cardoso (1995) e vários outros pesquisadores.

Impreterivelmente, a psicóloga Gomes (2011, p. 6) exalta outro ponto relevante para se vencer obstáculos e alcançar uma formação harmoniosa, trata do laço afetivo, acolhedor, apresenta os cuidados dos pais de suma magnitude, pois atua superando adversidades físicas e mentais.

Outros estudiosos dimensionam a função familiar como sendo favorável para o alavancar das funções (Medina, 2016), especialmente nos primeiros estágios do TEA, como enfoca Freud, 1996, Lacan 1998 (apud THEISEN, 2014). Esta pesquisadora buscou entender por meio da psicanálise, o sujeito e define sua obra: “A função materna na constituição psíquica”, onde, tanto Freud quanto Lacan declaram que o ser pode sair do comodismo, ser tocado e assimilar a realidade, pela linguagem. Destaca que se atue com estratégias significativas, isto é o sentimento subjetivo e o atrairá e que, para ocorrer relação, interação com o outro e com o meio, deve lhe transmitir segurança e confiança.

2.2 INCLUSÃO ESCOLAR: DIREITO DO ALUNO COM TEA

Com o passar dos anos, os conceitos se reestruturam de acordo com desejos e necessidades. Desse modo, observa-se o quanto as pessoas, em seu maior número às de classe social menos favorecida, precisam de auxílio e colaboração para viver com mais dignidade. Em outros casos, mesmo com condição financeira estabilizada, o conhecimento e as ações não condizem sobre determinado fato ou sobre transtorno que acomete os identificados como autistas. Para tanto, ao se falar de inclusão, não se pode deixar de reforçar a qualificação, atualização, a busca incessante não somente do profissional, como da família, como deixam claros diversos pesquisadores, aliás, Ferreira e Guimarães (2003) e Freire (1995) informam ser necessário saber para agir, mediar o processo educacional.

Outro pesquisador que beneficia é Caetano (2012) que enfatiza “A escola contemporânea e os novos desafios aos educadores” e Feltrin (2004), relata circunstâncias divergentes que enfrentou e é convicto de que as diversidades não são males e pode-se colaborar para que cada pessoa se situe no contexto com dignidade de acordo com normas e regras sociais. Em sua obra, afirma que este aluno diferente, vem a enriquecer a prática escolar. Promovem reflexões sobre a igualdade, de uma escola não competitiva, excludente e sim de prosperidade e valorização. Mantoan e Prieto (2006, p. 45) contribuem para práticas de inclusão, exaltam e explicitam ser fundamental identificar os “[...] contornos de forma a não suscitar dúvidas em relação a pelo menos três dimensões envolvidas no atendimento [...]”, são eles: saber o que é “educação especial”, pessoas qualificadas ou com qualidades criativas, interesses em aprimorar-se e cooperar e o “locus”, quer dizer, toda estrutura física, metodologia e fator emocional dos profissionais para o acolhimento e atendimento escolar.

Leis surgem com intenção de amenizar e incluir os seres humanos nos âmbitos sociais, como no segmento escolar por exemplo. Nesse patamar, Brasil (1988) surge e estabelece a inviolabilidade dos direitos qualitativos de soberania, cidadania e dignidade humana. Cria-se então, o *Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA*, Lei nº 8.069/90, que fomenta regulamentar os direitos e deveres da criança e adolescente - até os 17 anos de idade.

Reiterando o direito a uma educação com qualidade, vem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN/9394/96, visando à ordem social a partir da melhoria na educação. Prosseguindo, *se enaltece a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA*, lei nº 12.764/12, tem o propósito da formação holística.

A Organização Mundial de Saúde (SURJUS et al, 2015, p. 67) demonstra a importância da garantia no atendimento às pessoas com TEA (apresenta os vários níveis da referida alteração) e salienta mediante cartilha elaborada por inúmeros profissionais e cidadãos da sociedade civil, que admite os direitos previstos em leis próprias a pessoas com deficiência.

Nessa intenção, foi decretada no Brasil, a lei de inclusão, reconhecida como “Estatuto da pessoa com deficiência” - Lei nº 13.146/2015, permeia e preconiza de forma ampla, estabelecer, às exigências de ações para a cidadania.

Em suma, as leis são distintas, mas buscam direitos efetivo e equiparados em especial às pessoas com deficiência, na intenção de incluí-la ao meio social.

2.2.1 INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO AUTISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Diversas são as obras científicas, analisadas e designadas a engrandecer não somente a qualificação do profissional da educação como reporta Dias (2017) a partir de experiências com alunos com TEA, também o estar incluso o aluno no processo da própria construção. Constata-se o quanto relevante são os questionamentos e orientações nos textos aqui relacionados. Logo, a estratégia condizente com as investigações, retrata as características onde Almeida (2017) utiliza “Estratégias escolares para ensinar alunos com autismo”,

A referida psicóloga (op cit.) salienta a importância da “[...] ação de criar ou construir [...]” sendo preciso um espaço tranquilo, com parâmetro de organização de rotina para acolhida, e duas programações, uma para toda a turma e para atividades individuais. Permeia a temática, exemplificando:

[...] um jardineiro com vontade de ter um bonito jardim deve utilizar a organização no planejamento e cultivo de um jardim; sementes e plantas devem ser dispostas dentro de um padrão pré-determinado, prevendo assim as necessidades de cada planta no que se refere a sombra, sol, água e proximidade de outras plantas. Utilizando-se de tal organização consegue-se ampliar a força das plantas e compensar/evitar suas fraquezas, propiciando seu crescimento de forma mais rápida e com maior produção de frutos.

Em vista disto, os profissionais da educação, devem estar atentos e assim promover ações que estimulem o aluno e neste caso, o autista como se deve ter noção, persiste em fatos rotineiros e, ao ser obrigado a sair deste, pode entrar em pânico pois, geralmente seu cérebro é condicionado a repetições, sequências de sons e acontecimentos, e este, não consegue ainda, ter ou manter sequência das circunstâncias. Esta psicóloga (op cit.) deixa evidente que este aluno pode se irritar e até demonstrar-se agressivo, quando não compreender o assunto ou atividade proposta e mediada pelo professor, pois, muitas vezes, para este profissional, está tudo sendo encaminhado como se espera no plano, causando, entretanto, falta de motivação e iniciativa na execução ou resolução da tarefa.

Outro quesito de suma relevância é o que declara Medina (2016), sobre a *alteração em destaque, que é “enfermidade”, mas com assistência necessária, pode crescer características autônomas, caso contrário, podem apresentar insuficiência considerável. Acentua que com tratamento adequado, algumas crianças autistas podem desenvolver aspectos de independência em suas vidas.*

Por fim, esta especialista (ALMEIDA, 2017) e vários outros pesquisadores em

autismo ou outra necessidade, realizam questionamentos que são indispensáveis à busca de inovações, de estratégias variadas, constantes e essenciais para a organização, flexibilidade e sucesso na mediação do plano com a criança com transtorno.

3 DIRECIONAMENTOS METODOLÓGICOS

O subsídio metodológico usado em uma escola de ensino regular no município de Porto Velho, Estado de Rondônia, estabeleceu nesta abordagem de cunho qualitativo um parâmetro satisfatório, onde se sobressaíram Chizzotti (2003), Bogdan & Biklen (1982, apud LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 13) estes que destacam “[...] obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto [...]” com a situação estudada. Realçam a relevância mais do processo que o produto, isto é, o mais importante no decorrer da pesquisa, é a perspectiva dos integrantes e não o resultado em si. Este meio científico, portanto, permitiu coletar dados de modo formal e informal, onde a observação como participante em alguns momentos favoreceu a interação com o aluno diagnosticado com TEA. No espaço escolar, se pôde observá-lo em sala de informática, na educação física, em sala de aula. Outra fonte de coleta foi à prática da professora titular e de uma técnica que contribui na aprendizagem da criança em pauta. Além de questionário semiestruturado destinado a professora titular da turma e conversas informais com a técnica e a mãe do aluno. O registro aconteceu em diário de campo.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os dados coletados foram confrontados com os pressupostos teóricos incorporados e acrescentados neste trabalho na intenção de ampliar a compreensão, o que propiciou inspeção com base em análise crítica-construtiva dos fatos constatados. A referida escola é de ensino regular e, em relação a outras instituições, possui ótima estrutura física, materiais e recursos pedagógicos, e profissional qualificado. A professora da turma possui anos de processo alfabetizador e é bastante dinâmica, eclética. Sua preocupação para com a aprendizagem dos alunos ficou consistente com tamanha agilidade, destreza de estratégias, recursos e disciplina (comportamental), porém, a técnica auxiliar ou cuidadora, ficava a maior parte do tempo com o aluno, estimulando-o com direcionamento da professora da turma. Gomes (2011), Luz

(2013) são favoráveis e expõem visão sobre o ato de incluir, outro são Montoan e Prieto (2006, p. 39) realçam a dimensão valorosa e significativa, incluir o aluno autista em ensino regular.

Nesse quesito, Theisen (2014) destaca a o amparo maternal, como sendo de imensa contribuição ao autista e nessa linha, Medina (2016) estabelece um dos melhores remédios para o transtorno: “[...] A educação especial é o tratamento fundamental e pode dar-se na escola específica ou na dedicação muito individualizada [...]”.

Constatou-se grau leve de autismo no referido aluno, já que as características apresentadas, como a dicção, esta não é muito compreensível a diversas pessoas porque, ao falar, demonstrava-se ansioso, segurando e agitando rapidamente seus braços, ou/e o membro da pessoa com quem conversa (ocorreu umas três vezes na interação com a elaboradora deste artigo), escreve seu nome composto e tenta soletrar o que lhe pede para ler e cartazes expostos na sala de aula. Medina (2016) discerne os aspectos e outros fatores que influenciam na vida do autista, assim como Dias (2017), Gomes (2011), Luz (2013) e outros.

A fala do específico aluno, é de certo modo nasalar (som propaga pela narina) e demonstrou ter dificuldade em imitar determinados sons e expressões motoras amplas e, ao tentar direcionar atividade lúdica, observou sem demonstrar interesse ou compreensão, mas tentou interagir, perdendo a paciência em poucos minutos. Gosta de socializar contos infantis, o que ficou clara a atuação familiar.

Outro tópico relevante e destacado neste trabalho e constatado nesta criança é a dificuldade em cumprir regras, e foi observado que, se irrita facilmente e quando não sai correndo, se isola, sentando ao chão cruzando os dedos das mãos em frente aos joelhos. Nessa percepção, se explora as investigações de Belisário Filho e Cunha (2010) que enfatizam características dessa disfunção, o que, leva às mediadoras em sala de aula, a utilizar estratégias diferenciadas durante o turno de aula, além das atividades de escrita e pintura, utiliza-se materiais didáticos concretos e lúdicos, como jogos de montar, de encaixe, dados, quebra-cabeça, soroban, e vez por outra, é inevitável não sair da sala de aula e ir à biblioteca para ler e socializar a história, com um ou mais aluno (s) que neste recinto se encontre (m) ou outro espaço, para que o aluno se revigore e continue às atividades de sala, como define Ferreira e Guimarães (2003) ao retratar às adequações a fim de incluir o aluno autista.

Na atividade de educação física, interage pouco com os colegas de turma e dificilmente segue o que se organiza, quebrando as regras, observa um pouco e corre

alegremente entre os colegas e, ao ser chamado atenção, se irrita, mas, depois de um período, volta a correr. Tamanaha, Martins et al (2013) esclarecem sobre os aspectos autistas.

Manifesta interesse e estímulo ao acessar atividades lúdicas no computador, como jogos e histórias infantis. Manuseia o mouse e o teclado, quase sempre, de modo aleatório, demonstrando-se impaciente, mas quando é fácil o acesso, interage com entusiasmo. Pouco contato visual.

As questões descritas nas respostas da professora vieram a somar com a realidade analisada, pois, declara que atua “[...] com muito gosto porque amo o que faço, e amo acima de tudo às crianças que estão sob meus cuidados”. Wallon (2007, 2008) retrata o fator psicológico como um dos fatores indissociáveis para a promoção do saber e da autonomia.

Sua formação é pedagogia e qualifica-se constantemente, além de atualizar-se, contribuir com aulas estimuladoras, como realça Feltrin (2004) e vários pesquisadores deste trabalho.

A atuação das mediadoras realça inclusive o aprimoramento psicomotor para que o aluno compreenda sua estrutura corpórea, assim como a noção de espaço e elementos que estão dispostos nesse âmbito.

Ao conversar com a mãe do aluno, esta se mostrou emocionada por estar investigando a temática em pauta, e informou que seu filho realiza atendimento em sala de recurso com profissional de psicopedagogia em horário contrário ao de aula e reforça que este, gosta da dinâmica pedagógica e da mediadora. Outro atendimento especializado é com o fonoaudiólogo, pois necessita, diz ela, além de assistência psicoterapêutica. Gomes (2011) explora a importância dos cuidados da mãe nesta modernidade. Sendo assim, por intermédio desta mãe, a pesquisadora se inteirou que há um projeto que virou lei, deliberada em dezembro de 2012, como sendo a Lei Berenice Piana que cuida para que a execução dos direitos da pessoa com autismo seja cumprida na íntegra, sem danos algum.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação vislumbrou a pesquisadora, não unicamente por ter compreendido mais sobre o TEA e conferido técnicas de acolhimento e rotinas de trabalho, tanto individual, como coletivo, vai além, pois, a literatura transpõe a leitura ali estampada e o momento, o que levou a refletir realmente o quanto é complexo o ato de ensinar e de aprender. Neste mundo

atual onde pessoas com necessidades especiais não podem ser mais enclausuradas, tiradas e escondidas do meio social, e sim, integradas e incluídas com direitos amplos e com qualidade.

Quanto ao aluno investigado, se chegou ao consenso que tem muito a oferecer cognitivamente e, torna-se irritado ao ser contrariado, o que não supera sua vontade e direito em avançar, pois é meigo e carismático ao realizar ou participar de atividades que lhe interessa.

Deseja-se que a cada dia, o ser humano autista, supere seus bloqueios, medos e encaminhe suas habilidades e capacidades para além da sala de aula, socializar-se adequadamente com o meio, com o outro e com os estudos.

Com reflexão a partir destes preceitos, reporta-se ao professor, que, com tantas diversidades orgânicas e mentais, tem que ser versátil no intuito de suprir às necessidades que se encontram em sala de aula, e graças às mudanças, podem chegar mais crianças especiais devido o surgimento de leis que decretam multas destinadas às instituições de ensino que se negarem matricular aluno com algum tipo de necessidade e amparado por diversas leis.

A questão que chamou a atenção desta pesquisadora no decorrer das investigações, foi à força e discernimento na luta desta mãe, para que sua criança tenha uma educação de qualidade e conseqüentemente, melhor estilo de vida. Não podia deixar de informar que, mesmo com tantos problemas, esta mãe cursa e está finalizando o ensino superior.

Em suma, foi observado que as mediadoras de sala de aula do aluno em pauta, realizam um processo de inclusão com estratégias flexíveis e diversificadas, mas, como em todo transcurso, há momentos difíceis, fazendo até mesmo que utilize outro plano. Dependerá de como está este aluno. Acolhedor? Receptível?

Na escola que foi espaço investigativo, os profissionais procuram auxiliar e interagir com o aluno e, é nítida a sua simpatia para com determinados funcionários.

O corpo técnico pedagógico demonstra afeição pelo referido aluno e procuram na medida do possível, conversar e trocar ideias com a mãe da criança.

Espera-se que este trabalho seja de grande valia para a sociedade em geral, porque, como se destacou anteriormente, a sociedade humana deve atuar para o bem-estar geral, e nesta conjuntura, do bem estar dos que apresentam não somente o conhecido autismo, mas, acima de tudo, que prevaleça o ser humano, independente da peculiaridade que venha a ter ou despertar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marina S. R. **Estratégias escolares para ensinar alunos com autismo**. 2017. Disponível em: <http://www.institutoinclusaobrasil.com.br/estrategias-escolares-para-ensinar-alunos-com-autismo/>.> Acesso em 08 de jul. de 2018 às 14:26.
- BELISÁRIO FILHO, José Ferreira; CUNHA, Patrícia. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. 9ª ed. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/299634/>> Acesso 04 de jul. às 6:50.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **Paradigma da complexidade**. Metodologia de 64 projetos, contrato didático e portfólios. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Diário Oficial da União, Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Senado Federal, 1990.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Presidência da República, Casa Civil. Brasília: Senado Federa. Disponível em:< <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 04 de Jul. de 2018 às 21:37.
- BRASIL. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Lei nº 13.146, de 6 de Julho de 2015. Presidência da República. Casa Civil. Brasília: Senado Federal. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm> Acesso em: 07 de Jul. de 2018 às 23:15.
- BRASIL. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Lei 12.764/12. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm> Acesso em 08 de jul. de 2018 às 12:27.
- CAETANO, Luciana Maria (org.). **A escola contemporânea: e os novos desafios aos educadores**. São Paulo: Paulinas, 2012 - (Coleção docentes em formação).
- CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. **A canção da inteireza: uma visão holística da educação**. São Paulo: Summus, 1995.
- CHIZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- DIAS, Nadla dos Santos. **Autismo: estratégias de intervenção no desafio da inclusão no âmbito escolar, na perspectiva da análise do comportamento**. 2017 Disponível: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0423.pdf>> Acesso em: 05 de julho de 2018 às 10:23.
- FELTRIN, Antonio Efro. **Inclusão social na escola: quando a pedagogia se encontra com a diferença**. São Paulo: Paulinas, 2004. – (Coleção pedagogia e educação).

FERREIRA, Maria E. C.; GUIMARÃES, Marly. **Educação inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 158.

FREIRE. P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. Diego. **Mais uma possível causa do autismo: inflamação diminui conexões de neurônios de crianças com autismo**. 2018. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/autor/diego-freire/>> Acesso em 07 de jul. de 2018 às 5:49.

GOMES. Elaine Matos. **Autismo: A importância da função maternante e o tratamento na contemporaneidade**. 2011
Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0303.pdf>> Acesso em 05 de jul. de 2018 às 10:23.

Lei Berenice Piana. Trata da proteção dos direitos da pessoa com autismo. 2014. Disponível Em: <https://Apaebrazil.Org.Br/Noticia/Conheca-A-Lei-Berenice-Piana-Destinada-As-Pessoas-Com-Espectro-Autista>> Acesso 09 de Jul. 2018 às 21:20.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ. Valdemar. **Marcadores: a inclusão escolar do aluno autista (prática 2º sem.) conceitos e organização Social**. 2013
Disponível em: <http://assunto-historia.blogspot.com/2013/05/conceitos-e-organizacao-social.html>> Acesso em 07 de jul. de 2018 às 22:40

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. PRIETO, Rosângela Gavioli. ARANTES, Valéria Amorim (org). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.

MEDINA. Vilma. **Perfil de uma criança autista**. Os sintomas que podem indicar que uma criança seja autista. 2016
Disponível em: <https://br.guiainfantil.com/autismo.html>> Acesso em 09 de jul. 2018 às 18:14.

MENEZES. Marina. SERRANO. Alan Indio Plínio et al. **Transtornos Invasivos ou Globais do Desenvolvimento (inclusive autismo)**. Protocolo Clínico e de Acolhimento. Disponível em: [http://portales.saude.sc.gov.br/phocadownload/Regulacao/protocolos/17%20Transtornos%20invasivos%20ou%20globais%20do%20desenvolvimento%20\(inclusive%20autismo\).pdf](http://portales.saude.sc.gov.br/phocadownload/Regulacao/protocolos/17%20Transtornos%20invasivos%20ou%20globais%20do%20desenvolvimento%20(inclusive%20autismo).pdf). Acesso em 05 de Jul. 2018 às 20:16.

SURJUS. Luciana Togni de Lima e Silva, et al.. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do sistema único de saúde**. 1ª edição. Brasília – DF. Edit.: Ministério da saúde. 2015 Disponível em: Http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf> Acesso em 09 de jul. de 2018 às 11:57

TAMANAHA. Ana Carina. MARTINS. Ana Carolina Pegoraro et al. **Protocolo Clínico**. Diagnóstico Tratamento e Encaminhamento de Pacientes com Transtorno do Espectro Autista

(TEA). 1ª Edição. São Paulo. Editora: SEDPcD. 2013. Disponível em: http://www.saude.sp.gov.br/resources/ses/perfil/profissional-da-saude/homepage//protocolo_tea_sp_2014.pdf> Acesso em 07 de jul. 2018 às 20:48.

THEISEN, Ana Paula. **A função materna na constituição psíquica**. 2014.

Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2894/ANA%20PAULA%20THEISEN%20TCC%20FINAL.pdf?sequence=1>> Acesso em 08 de jul. de 2018 às 14:40

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.